

## **Documentos de processo: como uma repórter obteve informações não reveladas por fontes oficiais**

### **Documents process: as a reporter obtained information not revealed by official sources**

*Márcia Dementshuk<sup>1</sup>*

Universidade Federal da Paraíba

#### **Resumo**

O presente artigo irá demonstrar por meio da análise de documentos de processo como a repórter investigativa Henriqueta Santiago, do jornal Correio da Paraíba, obteve informações para a série de reportagens “Geração Perdida”, publicada no jornal citado. A pesquisa foi feita como propõe a professora Cecília Almeida Salles, buscando nos documentos comprovações da relação de confiança estabelecida entre a repórter e as fontes, sem a qual determinadas revelações jamais seriam feitas. Também demonstra a importância de o jornalista se voltar a fontes não oficiais para produzir reportagens diferenciadas que apontam lacunas no atual sistema social adotado no País.

#### **Palavras-chave:**

Documentos de processo<sup>1</sup> . Fonte 2. Jornalismo investigativo 3.

#### **Abstact**

This article will demonstrate through the analysis process as investigative reporter Henriqueta Santiago obtained information for the series of reports "Lost Generation", published in the Correio da Paraíba newspaper. The research was done as proposed by Professor Cecilia Almeida Salles, seeking evidence in the documents about the reliability established between the reporter and the sources, without which serious revelations would ever made. Also demonstrates the importance of the journalist looking for unofficial sources to produce reports.

#### **Keywords:**

Documents process 1. Source 2. Investigative journalism 3.

---

<sup>1</sup> Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB com especialização em Marketing de Comunicação pela ESPM. Bacharel em Comunicação Social com especialização em Jornalismo pela Famecos-PUC.

## Introdução

O que poderiam revelar rascunhos, anotações, rabiscos, ou gravações de voz gerados durante a produção de uma reportagem? À primeira vista muito papel. Contudo, com uma análise mais cuidadosa é possível descobrir circunstâncias vividas pelo repórter que não apareceram nas matérias, os caminhos trilhados na busca por fontes, por informações, os *insights* que levam o repórter a crer que tem uma grande história nas mãos e o impulsionam a uma investigação. Essas “rasuras” tornam-se, então, documentos de processo.

A análise de documentos de processo, da forma como é proposta pela pesquisadora Cecília Almeida Salles, amplia a ação do estudioso quanto aos instrumentos gerais de análise do processo criativo de uma obra de arte. O artista deixa rastros durante a criação da obra artística e tais vestígios podem ser meios para captar a evolução de seu pensamento criativo. “Os documentos de processo são, portanto, registros materiais do processo criador” (SALLES, 1998, p. 17).

Partindo dos princípios da análise de documentos de processo, o presente artigo irá demonstrar a relação entre o jornalista investigativo e as fontes durante a produção da série de reportagens “Geração Perdida”, da jornalista Henriqueta Santiago, publicada no jornal Correio da Paraíba nos dias 15, 22 e 29 de maio e 14 e 28 de agosto de 2011.

A série é composta por cinco reportagens cujo tema principal trata da relação entre a infância e o tráfico de drogas em João Pessoa e na Região Metropolitana. Neste artigo serão revistas especialmente anotações e materiais coletados durante a produção da série compostos por um caderno espiral de capa dura, tamanho pequeno; bilhetes, recortes de jornais, pautas, cartas, guardadas dentro desse caderno; *offs* de gravações feitas em fita cassete; uma entrevista gravada em vídeo; livros usados como fontes bibliográficas, um deles dado de presente à jornalista por uma fonte.

Por serem fatos da criminalidade, a grande parte das informações sobre o tráfico de drogas jamais seria revelada por alguém por causa de ameaças do grupo ao delator: quanto dinheiro é arrecadado em um ponto de comercialização de drogas por noite em João Pessoa? De quanto é a propina que policiais corruptos recebem para proteger a atividade? Foi justamente pela relação de confiança estabelecida entre a repórter Henriqueta Santiago e duas principais fontes dessa série que vieram à luz fatos

inconcebíveis socialmente, mas banalizados entre as facções dominantes do tráfico de drogas.

### **1. A jornalista e a série**

Antes de mergulhar na relação da repórter com as fontes será proveitoso conhecer a trajetória profissional da jornalista Henriqueta Santiago, apresentar a série de reportagens e fazer algumas considerações sobre a prática do jornalismo investigativo, a partir dos documentos analisados.

O fato de integrar a redação de um jornal diário com o compromisso de publicar informações jornalísticas factuais não impediu a repórter da editoria de Cidades do jornal Correio da Paraíba, realizar seu projeto jornalístico. “Nesse projeto incluem-se as preferências estéticas e os princípios éticos de seu criador, com seu plano de valores e sua forma de representar o mundo”. (MOURA, 2007, p. 154).

Formada em 2000 pela Universidade Federal da Paraíba, Henriqueta Santiago começou a trabalhar na redação do jornal Correio da Paraíba no ano seguinte. Ela priorizou pautas relacionadas à infância e adolescência (direitos, violações) e ao tráfico de drogas.

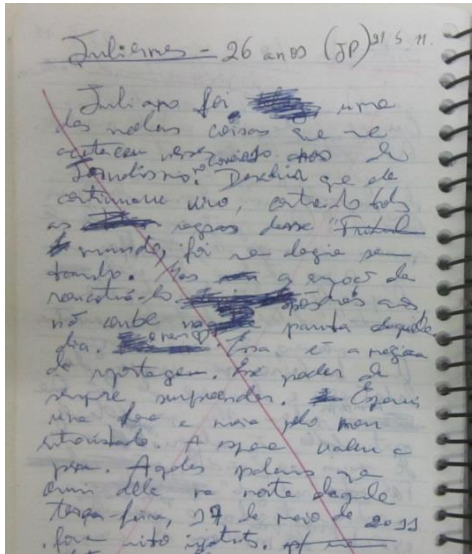
Uma dessas matérias feitas em 2009 foi cuidadosamente guardada e retomada durante a produção da série Geração Perdida. A pauta tratava da recuperação de usuários de drogas e Juliano (nome fictício)<sup>2</sup> foi um dos personagens. Na época, ele estava se recuperando em uma fazenda para viciados.

Em 2011, durante a produção da série “Geração Perdida”, Henriqueta Santiago o reencontrou em um grupo de apoio de uma igreja depois de muita persistência, tendo procurado-o em diversos lugares. Fez a entrevista no dia 17 de maio de 2011, gravada em fita cassete. No dia 21 de maio de 2011, a jornalista anotou no caderno suas impressões:

Figura 1- Sobre Juliermes

---

<sup>2</sup> Os nomes verdadeiros dos personagens não são revelados nesse artigo por solicitação da jornalista Henriqueta Santiago.

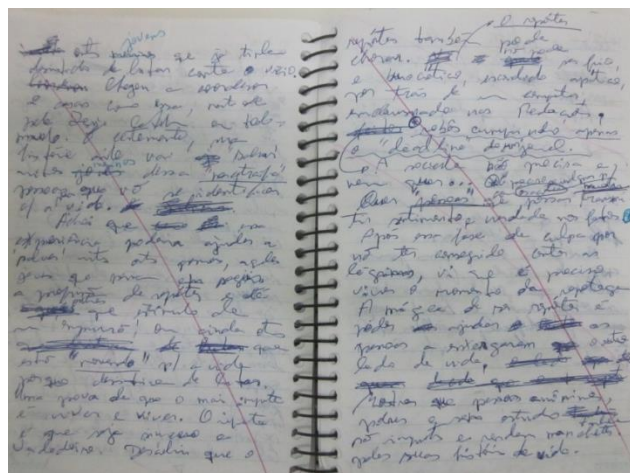


Transcrição:

“Juliano foi uma das melhores coisas que me aconteceu nesses 10 anos de jornalismo no Correio. Descobrir que ele continuava vivo contradisse todas as ~~xxxx~~ regras desse “tribunal do mundo, foi uma alegria sem tamanho. Mas a emoção de reencontrá-lo (???) após dois anos não coube ~~naquela~~ na pauta daquele dia. E nem <3 (desenho de um coração). Essa é a mágica da reportagem. Esse poder de sempre surpreender. Esperei uma hora e meia pelo meu entrevistado. A espera valeu a pena. Aquelas palavras que ouvi dele na noite daquela terça-feira, 17 de maio de 2011 foram muito importantes.”

Na continuação desse texto, mais adiante, a repórter reflete sobre a humanização do profissional de jornalismo e registra:

Figura 2 – Sobre a profissão



Transcrição iniciando na última linha da página esquerda:

“(…) Descobri que o repórter também pode chorar. O repórter não pode ser frio e burocrático, escondido, apático, por trás de um computador, enclausurado nas redações. / A sociedade não precisa e nem quer ... Robôs cumprindo apenas o ‘deadline’ de um jornal. / É preciso se indignar para mudar os acontecimentos. Que pessoas que transmitam sentimento e verdade nos fatos. / Após essa fase de culpa por não ter conseguido conter as lágrimas, vi que é preciso viver o momento da reportagem. / A mágica de ser repórter é poder ajudar as pessoas a enxergarem o outro lado da vida. Mostrar que pessoas anônimas, pobres e sem estudo são importantes e rendem manchetes pelas suas histórias de vida.”

Essas anotações refletem o caráter da jornalista, voltada à valorização do indivíduo como uma peça importante na engrenagem social. Em 2003, Henriqueta Santiago recebeu o título de “Jornalista Amiga da Criança”, concedido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) aos profissionais que têm o compromisso de produzir matérias que abordam os direitos da criança e do adolescente. Em 2006 ela inscreveu para o prêmio Ayrton Senna de Jornalismo um conjunto de 20 matérias publicadas entre 2004 e 2005, voltadas aos direitos da criança. Ganhou o prêmio nacional.

A primeira reportagem da série Geração Perdida de 15 de maio de 2011 aborda o drama de mães que perderam seus filhos na “guerra do tráfico”. A segunda, de 22 de maio de 2011, fala sobre o “batismo” de crianças e adolescentes para ingressar em uma facção criminosa. A terceira reportagem publicada em 29 de maio de 2011 apresenta os órfãos do tráfico, filhos que perderam os pais nessa guerra e depoimentos de autoridades. Nesse período a Assembleia Legislativa da Paraíba promoveu uma sessão especial para debater o assunto e concedeu Voto de Aplauso ao jornal Correio da Paraíba e à autora pela série.

Em seu retorno à redação depois das férias, no início de agosto de 2011, o editor José Carlos dos Anjos argumentou que a série teve grande repercussão e que ainda teriam temas a serem explorados. Então, no dia 14 de agosto de 2011, a quarta reportagem foi impressa no jornal Correio trazendo uma projeção exclusiva de uma pesquisa realizada pelo pesquisador Julio Jacobo, do Instituto Sangari que rendeu a manchete de capa: “Tráfico matará 9 mil jovens na PB até 2020”. E a última reportagem

da série foi no dia 28 de agosto de 2011, abordando o problema da evasão escolar por causa das drogas.

## **2. Além do factual**

De maneira geral, teóricos e jornalistas que atuam em campo concordam que a atividade do jornalismo, em si mesma, pressupõe uma investigação, a checagem das informações, o levantamento de dados. Inclusive, em sua tese de doutorado a pesquisadora Sandra Moura cita Gabriel Garcia Márques para destacar que “a investigação não é uma especialidade dentro da profissão, mas que todo jornalismo deve ser investigativo por definição” (MARQUES, 1997, apud MOURA, 2002, p. 25).

Entretanto, a rotina das redações que têm cada vez mais as equipes reduzidas nas empresas jornalísticas é carregada de exigências aos repórteres. Não é raro quando o repórter recebe três pautas diárias para cumprir, além de um prazo curto para entregar as “matérias especiais”, como ficaram conhecidas no mercado paraibano as matérias a serem publicadas nas edições de domingo.

Em nível nacional o cenário não muda, como demonstra SEQUEIRA (2005) por meio de oportunas entrevistas realizadas com jornalistas experientes para a produção do livro “O jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia”. A obra traz depoimento do jornalista investigativo Antonio Carlos Fon tomado em 2003, alegando que “nas redações de hoje não há mais lugar para o jornalista investigativo” (SEQUEIRA, 2005, p. 44).

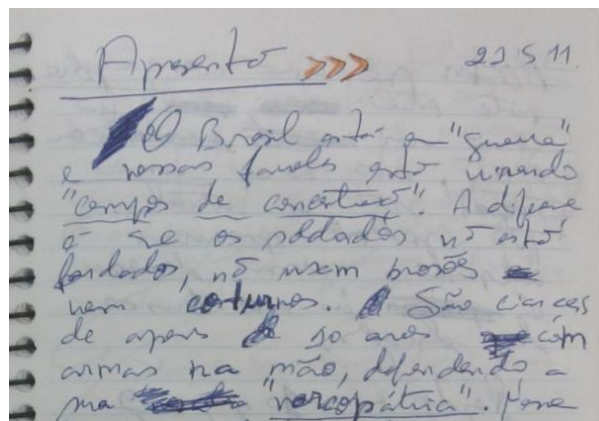
Respondendo a perguntas de Sequeira, Fon detecta o período que a imprensa brasileira começou a delegar ao ostracismo a prática do jornalismo investigativo, enquanto o mercado era aberto a publicações como a revista “Realidade”, que trazia grandes reportagens. O projeto teve, entre outras determinações, a construção da matéria em módulos nas páginas, com tamanhos limitados, fragmentando a informação e confundindo o leitor.

(...) pelo menos em São Paulo, ele foi desencadeado em meados dos anos 1970, pelo jornal Folha de S. Paulo, quando da introdução do Projeto Folha – que “começou a matar o jornalismo investigativo, com consequências sérias para a sociedade brasileira (SEQUEIRA, 2005, p.44, Ibidem, p. 44).

Nadando contra a correnteza – contra a tendência da valorização do jornalismo factual na redação e as dificuldades impostas diariamente – a jornalista Henriqueta Santiago desenvolveu um material que causou impacto nos leitores com revelações de fatos mantidos em segredo por tratarem da criminalidade.

Montserrat Quesada coloca que “El periodista investigador intentará averiguar y demostrar hasta el último porqué de esa situación anômala que há afectado a um colectivo social importante” (QUESADA, 1987, p. 35). Assim trabalhou Henriqueta Santiago para produzir esta série, buscando alcançar o último motivo que levam crianças a escolherem servir à “narcopátria”, um termo usado pela repórter nas matérias e que aparece constantemente no caderno.

Figura 3 – A narcopátria



Transcrição:

“Apresentação 21.5.11 / O Brasil está em “guerra” e nossas favelas estão virando “campos de concentração”. A diferença é que os soldados não estão fardados, não usam brasões nem coturnos. São crianças de apenas 10 anos com armas na mão, defendendo a sua “narcopátria”.

### 3. Fontes

Durante o seu discurso na abertura do 8º Simpósio Anual em Reportagem Investigativa Reva e David Logan, realizado em maio de 2014, na universidade de Bekerley, Califórnia, Estados Unidos, o reitor da Universidade de Berkeley, Ed Wassewrman, (WASSEWRMAN, 2014, apud VIANNA, 2014) declarou que “liberdade

de imprensa não é nada sem a liberdade das fontes” e que as mesmas não contam com a importância e o respeito que merecem.

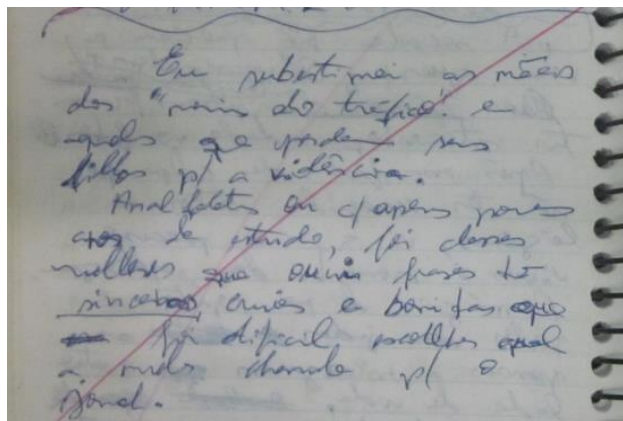
(...) Se seus informantes são amordaçados, sua visão editorial será tapada. E o privilégio da imprensa, em qualquer grau constitucional, será uma lei morta.  
(...) Se cidadãos comuns não puderem se mover, a imprensa não pode fazer seu trabalho. O direito de um órgão de imprensa de dizer o que sabe é uma abstração vazia sem a disposição de suas fontes em dizer o que elas sabem.  
(...) Em resumo, liberdade de imprensa é realmente a liberdade de fonte, sem um intermediário. (WASSEWRMAN, 2014, apud VIANNA, 2014)

Ed Wassewrman prossegue seu discurso atribuindo o devido valor às pessoas “invisíveis” na sociedade que teriam algo importante a dizer:

Mas a fonte que está em apuros não é apenas a profissional, ou o whistleblower. [Expressão jornalística para informantes que repassam informações cruciais de dentro de instituições em que atuam]. (...) São o homem e mulher comuns com informações importantes que o público deveria ouvir, mas que não estarão na agenda de telefone de qualquer repórter. (WASSEWRMAN, 2014, apud VIANNA, 2014, Idem)

Durante a produção da série “Geração Perdida”, Henriqueta Santiago faz essas conjecturas depois de ouvir o depoimento de pessoas comuns, como as que Ed Wassewrman se refere: mães de crianças envolvidas com o tráfico de drogas, que moram em comunidades periféricas, sem perspectivas de desenvolvimento social.

Figura 4 – As mães



Transcrição



“Eu subestimei as mães dos “meninos do tráfico” e aquelas que perderam seus filhos para a violência. / Analfabetas, ou com poucos anos de estudo, foi dessas mulheres que ouvi frases tão sinceras, cruciais e bonitas que foi difícil escolher qual a melhor chamada para o jornal.”

#### 4. Fontes não-governamentais

MARCET (1997) classifica fontes à exemplo dessas mães como não governamentais, que povoam os meios de comunicação nas mesmas condições em que vivem, na marginalidade, sem serem consideradas na produção de matérias diárias, mas valiosíssimas para o jornalismo investigativo.

Las personas que no tienen poder es más difícil que se conviertan en fuentes de información, y normalmente non son tan buscadas por lós periodistas. Se trata de fuentes que de una u otra forma pueden tener acceso a informaciones de interes, pero que al no ser oficiales obligam al periodista a una mayor comprobación de lós datos que suministran. (MARCET, 1997, p.178)

Na primeira reportagem publicada Henriqueta Santiago narrou a experiência de cinco mães, cada uma com um drama diferente. No caderno onde estão os apontamentos constam anotações de contatos com Centro de Atenção Psicossocial (CAPs), Casa de Passagem, Centro de Valorização à Vida (CVV), Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte (PPCAM), Centro Educacional do Adolescente (CEA), Conselho de Defesa da Criança e do Adolescente, Ministério Público Estadual e Procuradoria Regional do Trabalho. Algumas dessas entidades são relacionadas ao poder público, outras não, mas todas estão ligadas à questões da criança e do adolescente.

Mas o que chama a atenção é o registro de pelo menos três endereços e telefones de Centros de Referência de Assistência Social (Cras) em diferentes cidades: Cabedelo, Bayeux e João Pessoa. Quando questionada sobre o motivo da necessidade de contato com os Cras, Henriqueta Santiago explicou que estava em busca de uma das mães, Dona Joselândia.

Ela contou<sup>3</sup> que tentou entrevistar Dona Joselândia de Fátima Tomé em abril de 2011 para uma matéria factual policial sobre drogas. Foi então que percebeu que, o que

---

<sup>3</sup> Em entrevista realizada dia 20 de mai. 2014.

ocorrera com essa mãe, acontecera com outras e, ao retornar à redação, sugeriu a pauta que resultou na série. Mas quando a jornalista voltou a procurar Joselandia, ela havia se mudado. Iniciou-se uma busca incansável pelo paradeiro dessa mãe nessas três cidades, que durou quase três semanas, até que finalmente ela foi localizada em Bayeux, município da Região Metropolitana de João Pessoa. A jornalista descobriu que o motivo para tantas mudanças, inclusive de nome, eram necessárias por causa da perseguição de criminosos.

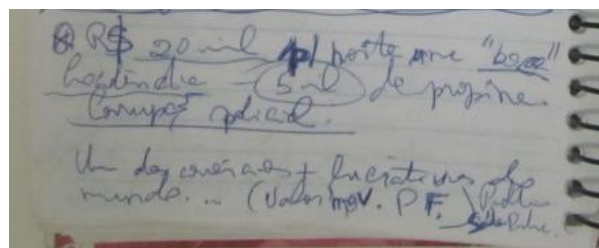
As informações passadas por Joselândia e outras mães nas mesmas condições que ela originaram a primeira reportagem da série.

## 5. A confiança

A personalidade mais marcante para a repórter durante a série foi um rapaz que se tornou a sua principal fonte e lhe trouxe o maior número de informações que nunca seriam trazidas ao conhecimento por fontes oficiais. Trata-se de Daniel (nome fictício).

Daniel contou para a repórter como é o ritual de ingresso de crianças e adolescentes em facções criminosas que exigem o assassinato de alguém condenado pelo “tribunal do tráfico” para depois fazer o “batismo”. Confessou o quanto ganhava para trabalhar como “avião” para traficantes, como “soldado” do tráfico em João Pessoa e toda a hierarquia da atividade ilegal. Relatou quanto os policiais ganham para acobertar a atividade ilícita e quanto uma “boca” (ponto de venda de drogas) fatura por noite. Isso para citar algumas denúncias, todas gravadas em fitas cassete ou em vídeo. Ou anotadas cuidadosamente:

Figura 5 - Valores

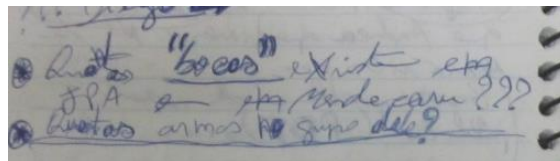


Transcrição:

“\*R\$ 20 mil p/ noite uma ‘boca’ / Cracolândia – 5 mil de propina /  
 Corrupção policial / Um dos negócios + lucrativos do mundo... (vamor mov.  
 PF.) Prol Saúde...”

Em seguida, a repórter investigativa anota algumas perguntas que ainda deseja saber de Daniel:

Figura 6 – Mais perguntas



Transcrição (imagem cortada para não revelar o nome):

??? Daniel (fictício) => / \*Quantas “bocas” existe em JPA ou em  
 Mandacaru??? / \*Quantas armas no grupo dele?

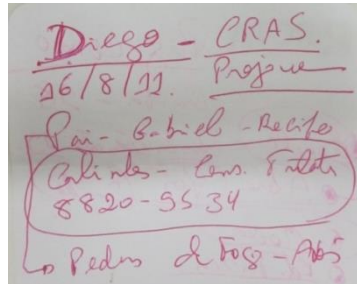
Daniel contou para a repórter como foi a primeira vez que matou alguém (depoimento gravado em fita cassete): “Chegaram pra mim e disseram assim: ‘Nego, tem que matar esse boy aqui pra você ter o batismo no grupo da gente’. Quando eu cheguei na casa eu vi aquele cara algemado, no chão, chorando, ele disse pra mim: ‘não boy, faz isso não, eu tenho uma filha’. Mas eu já tava muito doido, tava drogado, e disse pra ele: ‘quero saber de tua vida não’. No começo eu tive pena, assim, quase desisti de matar ele, daí o cabra disse assim: ‘Apois não vai dar não pra tu entrar no grupo, não. A gente vai ter que apagar você.’ ‘Apois, melhor ele do que eu, boy. Me dá aqui’. Peguei a arma da mão dele e dei dois tiros na cabeça do cabra.” A repórter narra essa passagem na matéria publicada.

Mas o que não consta no texto do jornal é a trajetória estabelecida entre a repórter e a fonte, concretizada por bilhetes, cartas, livros, letras de músicas e desabafos escritos: rastros de uma obra viva. Daniel só confessou o que sabia sobre o tráfico porque, antes, deixou de ser invisível para a repórter, tornou-se para ela um cidadão, um ser humano que, como todos, enfrenta problemas, desafios e ameaças.

Henriqueta Santiago arriscou-se ao permitir o aprofundamento de seu vínculo com Daniel. Ouviu-o falar sobre suas dificuldades em deixar de usar drogas, seu arrependimento por ter ingressado no crime, seus sonhos, e até o desejo de encontrar seu

pai. E quanto a isso foi auxiliado pela repórter, que em agosto de 2011 localizou-o em Recife.

Figura 7 – Sobre o pai



Transcrição:

Daniel – Cras / 18/8/11. Projovem / Pai – Gabriel – Recife / Carlinhos – Conselho Tutelar / 8820-9534 / Pedras de Fogo – Após

Pela notinha observa-se ainda uma menção ao programa federal de inserção do jovem no mercado de trabalho, o Projovem, como uma busca da repórter por oportunidades para Daniel.

Para MARCET (1997) não existe uma regra para se trabalhar com a fonte. Os fatores decisivos para o tratamento com a fonte são o profissionalismo e a experiência do repórter. A atitude varia de fonte para fonte e o jornalista deve distinguir entre as fontes diretamente ligadas aos fatos.

Es imposible plasmar un decálogo sobre el comportamiento y La actitud que debe mantener em periodista em su contacto con las fuentes de información. Cada fuente em concreto tiene unas características específicas que deben derivar también em unas relaciones concretas. (MARCET, op. cit., p. 180)

Ainda assim, o autor planifica algumas normas gerais que devem presidir esses contatos e inicia uma lista de doze itens com o estabelecimento da confiança. “És la característica más importante que debe regir la relación entre el periodista y La fuente de información”. (MARCET, op. cit., p 180). Daniel depositou não só confiança em Henriqueta Santiago como transformou-a na personificação de sua esperança em um dia ter uma vida normal, trabalhar, ter dignidade. Daniel começou a usar drogas aos doze anos, foi “batizado” pela facção aos quatorze e, aos dezessete, já contava com uma lista

de pelo menos doze assassinatos. Mas demonstrou-se sinceramente arrependido, tentando desligar-se da facção, o que é quase impossível. E foi neste período que a repórter investigativa o encontrou pela primeira vez.

A fonte chorou durante as entrevistas. Lágrimas que ficaram gravadas em fita cassete e em vídeo. Depois de publicada a matéria e nos anos que seguiram Daniel manteve contato com a repórter. Deu presentes singelos a ela como forma de agradecimento e reconhecimento do esforço que ela fazia para apoiá-lo. Entre eles uma camiseta e um livro que contava a história de um rapaz que venceu o vício em drogas “Eu deveria estar morto - Damien Jackson”, uma autobiografia de Dave Jackson.

E seguindo uma sugestão da repórter, escreveu a letra de uma música, um “rap”, como forma de desabafo em suas crises de abstinência e deu à reporter. Daniel usou duas folhas de caderno onde aparece sua deficiência na gramática, mas se sobressaem o ritmo, a rima e as cicatrizes da infância cerceada. Por uma solicitação de Henriqueta Santiago o documento não será exposto, mas apenas dois versos: “Só não sabia que pra crescer eu teria que sofrer / e que seria difícil tudo isso eu entender”.

## **6. O risco em jogo nos rabiscos**

O risco que a repórter investigativa correu ao firmar um vínculo emocional assegurado pela confiança entre ambas as partes rendeu uma das reportagens mais marcantes publicada no jornal Correio da Paraíba. A jornalista valeu-se da experiência e do conhecimento adquirido em dez anos de jornalismo, de uma rede de fontes – governamentais, não governamentais, jurídicas, conselheiros de direitos, especialistas, dados de institutos de pesquisas – cuja menção valeria outro estudo detalhado.

O que foi salientado neste trabalho, obtido pela análise dos documentos de processo, chama a atenção pela riqueza de informações e histórias de vida que pulsa na periferia de João Pessoa (e de forma semelhante em outras cidades) advindas de pessoas invisíveis, que nunca teriam evidência na mídia, a não ser em páginas policiais ou sensacionalistas.

Malcolm (1990) encerra a análise ética de “O Jornalista e o Assassino” enfatizando:

“O que dá ao jornalismo sua autenticidade e vitalidade é a tensão entre a cega absorção de si mesma da personagem e o ceticismo do jornalista. Jornalistas

que engolem sem mastigar a história da personagem e a publicam não são jornalistas, e sim publicistas.” (MALCOLM, 1990, pag. 145).

É exatamente isso que demonstram os documentos de processo da série “Geração Perdida”. Nos “rabiscos”, Henriqueta Santiago confia o quanto era imprescindível que conseguisse transmitir para o leitor o drama vivido pelas mães que perderam seus filhos ainda crianças na defesa da “narcopátria”; tanto como narrar o desespero de um jovem tentando deixar para trás atos que ficaram marcados pela tatuagem vitalícia da facção criminal feita a ferro quente, como são marcados os animais. Assim foram mastigados e digeridos os depoimentos colhidos pela repórter.

Mesmo afirmando à fonte que estava colhendo informações para fazer uma matéria, Henriqueta Santiago questionava-se: “Será que não estou fazendo isso (apoiando o adolescente) por que preciso das informações? Será que eu faria isso com um desconhecido, sem algum objetivo imediato?” Janet Malcolm conta que o jornalista Joe McGinnis, que se passou por amigo do réu Jeffrey MacDonald, (condenado pela morte da esposa e das filhas, nos Estados Unidos), também deixou claro para a fonte se tratar de uma reportagem, mas o traiu no final. Henriqueta, ao contrário, mantém, ainda hoje, um elo com Daniel. Ele conta-lhe as conquistas, as dificuldades e ela o aconselha ou simplesmente escuta, num gesto que significa o que ele mais precisa: atenção.

Mais um ganho contabilizado pela ousadia de assumir riscos e dedicar-se especialmente à investigação foi a conversão de pessoas, até então identificadas por “povo” ou “marginais”, em indivíduos merecedores do título de “cidadãos”, como o reitor Ed Wassewman salientou:

Ser uma fonte nunca teve a estatura que damos cotidianamente a outros deveres cívicos – tais como votar, comparecer a audiências públicas, pagar impostos, testemunhar em um tribunal. Mas vir a público, além de ser um ato cívico – e talvez seja a quintessência do ato cívico – é algo que vai ao âmago da cidadania, de projetar problemas públicos na praça pública. (WASSEWRMAN, 2014, *apud* VIANNA, 2014, Idem).

Sem dúvida alguma, o benefício maior é da sociedade, onde estão os leitores que podem ter acesso a essas histórias, onde estão os protagonistas dessas histórias e onde estão os jornalistas com talento para narrar essas histórias.

## REFERÊNCIAS

- MALCOLM, Janet. **O jornalista e o assassino**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990, 162 p.
- MARCET, José Maria Caminos. **Periodismo de investigación: teoría e práctica**. Madrid: Síntesis, 1997. 135-203 p.
- MOURA, Sandra. **O Processo de Investigação do Jornalista Caco Barcellos**. 2002, 25f-35. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora UFPB. 2007. 260 p.
- QUESADA, Montserrat. **La investigación periodística: El caso español**. Barcelona: Ariel comunicación, 1987. 16-86 p.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998. 168 p.
- SANTIAGO, Henriqueta. **Geração Perdida**. Jornal Correio da Paraíba, Paraíba, dias 15, 22 e 29 mai. e 14 e 28 ago 2011. Editoria de Cidades p. B1, B2, B3.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005. 33-113 p.
- VIANNA, Natália. **Protegendo nossas fontes**. Agência Pública. Disponível em: <http://apublica.org/2014/05/protegendo-nossas-fontes-esta-na-hora-de-nos-posicionarmos/>. Acesso em: 15 jul. 2014, 17h53.